

## Cultura do Estupro e Turismo sexual em *Deserto Feliz* (2007)

1

Mariane Ribeiro Santos<sup>2</sup>  
Fernanda Pereira de Mattos<sup>3</sup>  
Carla Conceição da Silva Paiva<sup>4</sup>  
Universidade do Estado da Bahia, BA

### RESUMO

O presente artigo tem como proposta analisar fragmentos do filme *Deserto Feliz* (2007), de Paulo Caldas, à luz dos conceitos Cultura do estupro e turismo sexual, buscando encontrar as origens dessas problemáticas e entender os desdobramentos que as vítimas dessa realidade são condicionadas a seguirem, por injustiças de heranças históricas que cotidianamente afetam as mulheres no Brasil, especialmente no Nordeste. Para tanto, foi realizada uma análise de conteúdo, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens e análise das imagens, observando como elas são construídas e os seus significados, acerca dos elementos constitutivos da linguagem cinematográfica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Nordeste; Cultura do estupro; Turismo Sexual; Cinema.

### INTRODUÇÃO

*Deserto feliz* (2012) é um filme que articula três momentos distintos, registrados por três paisagens de cidades diferentes: Petrolina e Recife, ambas em Pernambuco-Brasil e Berlim, na Alemanha. Com duração de 1h32min, essa narrativa, dirigida por Paulo Caldas, gira em torno da vida Jéssica (Nash Laila), uma jovem de 14 anos que mora com a mãe e o padrasto em Deserto Feliz, município fictício do sertão pernambucano. A fonte principal de renda da família é o dinheiro do tráfico de animais.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no INTERCOM JÚNIOR IJ01 - Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 22 a 24 de maio de 2019.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da UNEB - Campus - III - Juazeiro – BA. Atua no curso de Jornalismo em Multimeios e no Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos. E-mail: [ccspaiva@gmail.com](mailto:ccspaiva@gmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UNEB-BA- Campus III. E-mail: [fmattos726@gmail.com](mailto:fmattos726@gmail.com). Bolsista Fapesb.

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da UNEB-BA- Campus III. E-mail: [marianeribeirodossantos215@gmail.com](mailto:marianeribeirodossantos215@gmail.com). Bolsista Fapesb.

Contrastando com o nome de sua localidade de origem, a protagonista vive sempre triste, solitária, com o olhar longe, presa a situação de pobreza e violência doméstica comum em diversas cidades brasileiras. Jéssica decide mudar de vida após ser estuprada pelo padrasto, sob o olhar da sua mãe que silencia a solução encontrada por ela é a prostituição, primeiro em sua cidade e logo depois em Recife, onde passa a trabalhar diretamente com o turismo sexual, para buscar melhorias de vida, como ela mesma afirma.

Segundo pesquisas realizadas pelo QG Feminista (2018), conforme Figura 1, o maior número de mulheres que aderem a situação de prostituição fazem isso após sofrerem abuso sexual.



*Figura 1: Gráfico das mulheres na prostituição.*

Os casos de abusos sexuais se intensificaram no decorrer da história e caracterizam a Cultura do estupro. Susan Brownmiller (1975) afirma que todo estupro é um exercício de poder e, historicamente, as mulheres foram as maiores vítimas desse tipo de prática, porque, em nossa sociedade, estão condicionadas, submissas, ao poder do masculino, que se acha no direito de violentá-las e tornar isso algo natural.

O termo “Cultura do estupro” é usado a partir de 1970, na segunda onda do Movimento Feminista, que aponta a violência sexual contra a mulher como uma grande bandeira de luta, reforçando a necessidade de se tratar mais sobre essa temática, a fim de desconstruir conceitos que foram facilmente aceitos no Brasil pelos discursos de bases biológicas e religiosas.

---

Nesse ponto, a cultura do estupro perdura no manto das culturas ‘[...] como um mecanismo de controle historicamente frequente, mas amplamente ignorado, mantido por instituições patriarcais e relações sociais que reforçam a dominação masculina e a subjugação feminina’ (VITTO, GIL e SHORT, 2009 apud BROWNMILLER, 1975, p. 256 apud SILVA, 2014, p. 133).

Na maior parte dos casos, a Cultura do Estupro acaba condicionando suas vítimas a prostituição, única saída para jovens afetadas por essa realidade, principalmente, quando somado a isso passam por situação de pobreza e abandono do Estado. É preciso saber que esse tipo de cultura nasceu a partir de ideologias que subordinam as mulheres ao patriarcado, machismo, sexismo e à misoginia.

O patriarcado deve ser lido como uma organização sexual hierárquica da sociedade necessária ao domínio político que se alimenta do comando masculino na estrutura familiar (esfera privada) e na lógica organizacional das instituições políticas (esfera pública), construída a partir de um modelo masculino de dominação baseado no arquétipo viril (COSTA, 2010). O machismo, por sua vez, é uma das práticas segregadoras mais antigas, se caracteriza como um comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. O sexismo é a discriminação por gênero e o último consiste no ódio contra as mulheres.

A junção dessas doutrinas e a disseminação dessas ideias provocam nas mulheres uma insegurança e desconforto para cada uma delas. Segundo dados levantados em uma nota técnica do IPEA, em 2014, mais de 50% dos estupros sofridos por crianças e adolescentes foram praticados por pessoas conhecidas, como pais, padrastos, namorados e amigos. Crianças e adolescentes, que assim como Jéssica sofrem em silêncio.

Face ao exposto, propomos, neste artigo, nos debruçar sobre conceitos de Cultura do estupro, turismo sexual e os desdobramentos que as vítimas dessa realidade estão sujeitas, a partir da análise do filme *Deserto Feliz*. Para tanto, realizamos uma análise de conteúdo a partir do conceito de Bardin (2006), que configura-se como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 38). Já para análise das imagens, empregamos os conceitos de Martine Joly (2004), observando

como elas são construídas e os seus significados, acerca dos elementos constitutivos da linguagem cinematográfica.

## **MUDANÇA NO ROTEIRO: VIOLÊNCIA SEXUAL E PROSTITUIÇÃO INFANTIL**

A construção do filme *Deserto Feliz* se deu a partir da visita de Paulo Caldas a região do Vale do São Francisco, que engloba os municípios de Juazeiro-BA e Petrolina. Em entrevista ao Projeto Criança e Consumo (2009), esse diretor relata que: “Encontramos no sertão uma situação muito grave e chocante. Vimos crianças de 10 anos sendo exploradas sexualmente nos postos de gasolina por 1 real” (p. 62). Isso chamou a sua atenção, pelos dramas, pelas condições dessas meninas, pela estupidez da sociedade em permitir que isso aconteça nos tempos de hoje e a visita para planejar a gravação de um filme sobre tráfico de animais passou a servir de inspiração para a produção de um novo tema - prostituição. Para tanto, realizou entrevistas com a Conselheira Tutelar de Juazeiro, recolhendo informações sobre relatos de histórias reais de violência sexual e prostituição infantil, que muitas vezes passam despercebidos no ambiente social. Essas narrativas de alguma forma acabaram compondo *Deserto Feliz*.

A história do filme é como a maior parte das histórias reais. Existem casos diferentes, mas nas pesquisas que a gente fez a maioria começa com a violência sexual doméstica de crianças ou adolescentes, as quais acabam partindo para a prostituição. Algumas até relatam que trabalharam em casas de família e que foram violentadas ou obrigadas a ter relações sexuais com o patrão ou com o filho do patrão (PROJETO CRIANÇA CONSUMO, 2009, p. 62 e 63).

Na cidade de Petrolina são poucos os agressores presos por terem praticado violência sexual contra mulheres, o que não quer dizer que essas agressões ocorrem em menor escala. A maioria dos presos por estupro respondem por crimes praticados contra crianças e só são descobertos, porque as vítimas começam a apresentar algum comportamento considerado como “anormal” para a sua idade, como as mudanças bruscas no desempenho escolar. Geralmente, as mulheres adultas, que sofrem abuso sexual, procuram apenas cuidados médicos e não registram boletim de ocorrência. Após

um ato de estupro a mulher pode estar sujeita a várias Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's), como também a uma gravidez indesejada, por isso os órgãos destinados aos cuidados físicos, geralmente representados pelos postos de saúde atuam de forma efetiva (ALVES, 2018).

Estudos realizados pela National Crime Victimization Survey apontaram que apenas 35% das vítimas expõe o crime que sofreu. Outro estudo feito pelo de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) aponta que apenas 10% chegam a ser denunciados. A maioria das mulheres guardam suas dores e angústia após esse tipo de trauma por medo de ser condenada, culpabilizada pelo poder público e meios de comunicação.

No filme, Jéssica é explorada sexualmente pelo seu padrasto, momento em que ocorre a primeira inflexão na narrativa. Os constantes silêncios de sua mãe e o incômodo com a situação - expressos pelos gestos de medo, horror e dor, capturados pelos movimentos de câmera, sons e planos detalhes, - a forçam a romper com essa realidade. Ela não denuncia sua situação, apenas abandona a casa da família e na cena seguinte já a avistamos nos postos de gasolina da cidade. Após conseguir seu primeiro programa, Jéssica embarca rumo a Recife na boleia de um caminhão.

Quando Jéssica abandona a cidade de origem e parte em busca de novas perspectivas, passando a morar no Edifício Holiday, na praia da Boa Viagem, resolve continuar a sorte como prostituta. O filme enuncia assim seu segundo tema - o turismo sexual. Segundo Dutra (2008), esse tipo de atividade é definido no campo legal-jurídico brasileiro, de forma diferente, mais específico à violação por estrangeiros das leis brasileiras que regulam o comportamento sexual, pornografia, sedução, estupro, corrupção de menores, atentado violento ao pudor e tráfico de mulheres, sendo associado à aspectos de natureza ilícita (p.67).

O turismo sexual aparecerá para Jéssica como a oportunidade de ter contato com estrangeiros por pagarem mais caros. É assim que Jéssica conhecerá o alemão Mark (Peter Ketnath), construindo uma relação que ganha contornos de afetos e tensões que cedem espaço para outras dimensões possíveis. A fotografia do filme muda, novas tonalidades e outras sensibilidades são expressas em tons de cinza e azul, e um novo cenário é apresentado a essa protagonista e aos espectadores. Em uma elipse, estamos na cidade de Berlim, onde ela passa a lidar com o estranhamento da língua, do clima e do seu enclausuramento na terra estrangeira.

---

Em Berlim, por época do lançamento de *Deserto Feliz*, durante um debate, Paulo Caldas se incomodou com pergunta de um dos espectadores: Por que ele havia escolhido como personagem para o filme um turista alemão?

Respondi que não havia escolhido o alemão, os alemães que tinham escolhido Recife para transar com as meninas. Houve um constrangimento na sala, mas várias pessoas vieram falar comigo depois e até a imprensa que estava cobrindo a exibição publicou isso como uma resposta muito boa. A gente acha que o problema não é só nosso. A gente quer dividir a responsabilidade porque os estrangeiros vêm aqui e pagam para ficar com essas meninas. Sem essa atitude, esse problema não existiria. A solução tem de ser pensada em conjunto também (p.63)

No filme, o turismo sexual se constrói para Jéssica a partir dos sonhos e fantasias dessa jovem, que acredita ser capaz de conseguir na prostituição um amor, um casamento e a ascensão social. Ela, assim como milhares de meninas, almeja se livrar de uma situação na qual está inserida, num contexto de exploração, onde predomina uma relação mercantil, mediada pelo comércio do corpo e sexo, através da romantização da prostituição. Além do sexo por dinheiro, há uma folclorização da atividade sexual como uma oportunidade de mudança de vida, uma mentira, que, na maioria das vezes, na vida real funciona como uma troca de interesses, e por não restarem escolhas, para essas meninas, elas se submetem a essa situação.

Isso é o que realmente acontece no longa com a desfecho história de Jéssica. Ela segue para Recife com sonho de encontrar o príncipe encantado, de casar com um gringo e ir morar fora do Brasil, o que de fato acontece, mas não como ela imaginava. Assim após vivenciar todo aquele processo, essa personagem percebe que aquilo não era exatamente o que ela havia sonhado, mas sim o que lhe restava diante das circunstâncias da vida sombria e triste que ela sempre foi obrigada a levar.

## **EROTIZAÇÃO CULTURAL DO BRASIL E A CULTURA DO ESTUPRO**

As situações de exploração sexual, na maioria das vezes, são marcadas por diversos fatores que influenciam diretamente na vida dessas pessoas, principalmente em suas relações futuras. A violência contra crianças e o adolescentes é um bom exemplo. Esses fatores junto com os estupros acabam agindo como estímulo para o turismo

sexual, principalmente, quando os casos são com pessoas próximas ou da família que são silenciados.

Segundo Paulo Caldas:

No filme, mostro essa relação com os turistas alemães, que estão muito presentes em Recife. Acho que isso acontece por causa da erotização cultural do Brasil. A propaganda oficial era de mulheres de biquíni, de mulatas, do samba. É uma imagem que o país foi construindo e que foi vendida durante muitos anos, e que hoje permanece, a da mulher livre que transa com qualquer um. É uma série de clichês que só com o tempo vai diminuir (PROJETO CRIANÇA E CONSUMO, 2009, p. 63).

O turismo sexual no Brasil é fruto de um processo histórico. Olivieri; Villa, (1999) sustentam que a imagem do Brasil é associado ao silencioso e imperceptível turismo sexual que foi construída desde o descobrimento do país, com a chegada dos portugueses em 1500. Essas representações concedem-se pelos relatos dos portugueses que, quando aqui chegaram se surpreenderam com os costumes dos povos indígenas.

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, muito novas e muito gentis, com cabelos muito pretos e compridos, e suas vergonhas tão altas e tão limpas das cabeleiras que, de as olharmos muito bem, não tínhamos nenhuma vergonha. Uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura. Certamente era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições, provocaria vergonha, por não terem as suas como a dela. (CAMINHA apud OLIVIERI; VILLA, 1999, p.33).

A partir de então fomentou-se a exploração sexual no país, primeiro com os abusos de mulheres indígenas e depois das mulheres negras trazidas do continente africano, consolidando a ideia de um país com riquezas naturais, diversidades culturais e atrativos sexuais. Essas construções são ainda hoje fomentadas por propagandas, comentários, vídeos de turistas, filmes, materiais diversos, que são divulgadas pela mídia que envolve o carnaval, a praia, mulheres e sexo fácil. Tudo isso favorece a criação desse estereótipo em relação a cultura brasileira que afeta diretamente a figura feminina, a exótica “mulata” e demais mulheres nas condições de prostituição.

É importante dizer que às mulheres que mais sofrem com essa erotização são às mulheres negras e mulatas - esse último termo surge ainda na época da escravidão para

---

definir uma mulher dotada de erotismo e objetificada como protagonista do carnaval. Segundo Gonzalez (1983).

A mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação “profissional”: doméstica e mulata. A profissão de “mulata” é uma das mais recentes criações do sistema hegemônico no sentido de um tipo especial de “mercado de trabalho”, um produto de exportação. (GONZALEZ; 1983; “on-line”)

Essa ideologia em prática intensifica as consequências desse problema social que é o turismo sexual. No filme, isso pode ser identificado na cena em que os turistas chegam em Recife, e ligeiramente eles vão a procura das meninas que ganham a vida com a prostituição. Esse primeiro contato acontece através de um agente que mostra as fotos das meninas para os gringos, entre elas estão em sua maioria mulheres negras e periféricas, como nossa protagonista. Em seguida, eles já estão juntos, Jéssica e suas amigas aparecem na praia, acompanhadas por estrangeiros, alimentando ilusões enquanto eles as exploram.

Outro ponto interessante é a história de Dona Vaga (Zezé Motta), mulher, negra, dona do hotel que serve como prostíbulo, profissão que ela já abandonou. Em um diálogo com Jéssica, ela narra a sua história e aconselha a protagonista a guardar ou aprender a lidar com as memórias, afirmando que para conseguir viver nas condições sociais de agora, ela “teve que dar muito e que sempre viveu da sua periquita”.

Os filmes de Paulo Caldas são caracterizados pela intensidade das cenas, sempre trabalhando com problemáticas bastante pertinentes e necessárias de serem tratadas. Ele denuncia, de forma coerente e precisa, assuntos delicados da nossa sociedade, em suas produções, o mais próximo possível da realidade. As falas de *Deserto Feliz* reforçam essa tendência dos problemas sociais, como os diálogos entre as amigas, que reforçam a questão do abandono, silenciamento e solidão.

Em *Deserto Feliz*, merece destaque uma imagem de Jéssica que retorna a todo instante. Jéssica aparece em primeiro plano sentada na beira de uma cama com o olhar longe e ao fundo observamos Mark deitado. O vácuo entre o casal é gigantesco e uma música delicada e melancólica completa a cena, que aparece exatamente em três tomadas, em contextos aleatórios aos demais planos em que são encaixadas. Essas imagens que se repetem fazem alusão a própria personagem, passando a ideia de uma



vida desmemoriada a qual Jéssica esteve condicionada a levar, ajuda a transmitir um sentimento de angústia, reforçando o sentimento de perda e abandono que ela sofreu repetidas vezes, pelo mundo, pela família, pelo Estado, pela sociedade pernambucana e, por último, pelo alemão.

Na terceira e última apresentação da referida cena, Jéssica vai sendo desfocada progressivamente, construindo mais uma vez um sentimento de indefinição. O que será feito não fica claro, por conta até do enquadramento, mas podemos pensar essa imagem como uma força produtora de sentimentos e desejos, demonstrando um sentimento de alívio por parte da personagem ao respirar fundo.

Outra imagem profundamente dolorosa, que tem a força de passar extremo sofrimento e dor, é quando Jéssica sofre a violência sexual. É angustiante assistir aquele episódio infinito de sucessivos abusos e silêncios vividos pela personagem e o espectador. Em *Deserto Feliz*, o silêncio grita, as cenas de Jéssica com a família, em sua maioria, são tomadas longas, com uma sequência de ações imbuídas por um profundo silêncio, capaz de demonstrar as angústias daquele lar.

Ainda sobre a trilha sonora, não podemos nos esquecer de mencionar a música que embalou alguns dos momentos de descontração da personagem principal em suas aventuras em Recife e Berlim. (À Deriva) afirma: “Nós dois estamos perdidos em um barco sem destino, naufrago de amor proibido atracados pelos mares da paixão; perdidos, em um barco à deriva alma gêmeas de uma vida, esperando de uma vez a nossa terra prometida”, reforçando outra vez a ideia de desordem, de bagunça, da vida, dessa protagonista, que está “perdida”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que o filme *Deserto Feliz* tem o potencial de proporcionar muitas reflexões acerca de temas que estão escancarados em nossa sociedade, mas que são naturalizados, como a Cultura do estupro, a exploração sexual infantil e o desrespeito com a integridade das mulheres. As imagens abordam, de forma coerente, o silêncio e a dor de milhares de jovens que vivem essa triste realidade. Transmite o vazio que preenche a existência de vítimas como Jéssica.

Um filme como esse, portanto, se assistido sob um olhar crítico e embasados por um contexto histórico, social e político se torna um arcabouço contemporâneo de uma

união de ideologias históricas que perpassam gerações. *Deserto Feliz*, portanto, levanta questões que podem ser a resposta para tantas desigualdades entre homens e mulheres que, historicamente, foram construídas na nossa sociedade.

## REFERÊNCIAS:

ALVES, Dayane Késia. **Silêncios que ecoam: Corpos, dinâmica e campo gravitacional da Cultura do Estupro em Petrolina**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

BROWNMILLER, Susan. **Contra nossa vontade: homens, mulheres e estupro**. Ballantine Books 1975.

BARDIN, L. (2006). **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trans.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977).

COSTA, Ana Alice. **Gênero, poder e empoderamento das mulheres**. Salvador: NEIM/CAAR, 2000, mimeo [Texto de apoio I Seminário de Aprofundamento do Trabalho com Gênero no Pró- Gavião]. Disponível em <[http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST64/Lima-Saraiva-Leitao\\_64.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST64/Lima-Saraiva-Leitao_64.pdf)>. Acesso em: Abril, 2018.

CONSUMO ENTREVISTAS, Criança. **Erotização precoce e Exploração Sexual infantil**. Ed. Disponível em: <http://criancaeconsumo.org.br/wp-content/uploads/2014/02/Criança-e-Consumo-Entrevistas-Vol-2.pdf> Acesso em: Abril, 2018.

DUTRA, José Luis Abreu. **O estado-da-arte: situação, ações, distorções e omissões na relação entre turismo e combate à exploração sexual comercial de crianças e 87 adolescentes na cidade do Rio de Janeiro**. In: TENÓRIO, Fernando G.; BARBOSA, Luiz Gustavo Medeiros. **O setor turístico versus a exploração sexual na infância e na adolescência**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na sociedade brasileira**. In. **Movimentos Sociais Urbanos: memórias étnicas e outros estudos**. Org. Antonio Silva Brasília, ANPOCS, 1983.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. Lisboa: Edições 70, 1994.

OLIVIERI, Antonio Carlos; VILLA, Marco Antonio. **Carta do Achamento do Brasil**. São Paulo: Callis, 1999.

QG FEMINISTA. **O que há de errado com a prostituição?**. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/quais-os-problemas-da-prostitui%C3%A7%C3%A3o-8b0a56780d55>> Acesso em: Abril, 2018.

VITO, Daniela de; GILL, Aisha; SHORT, Damien. **A tipificação do estupro como genocídio**. **Revista SUR. Revista Internacional de Direitos Humanos**. Ed. 1. v. 6, n. 10. jan/2004, 2009. Disponível em: < <http://www.conectas.org/pt/acoes/sur/edicao/10/1000337-a-tipificacao-doestupro-como-genocidio>>. Acesso em: Abril, 2018.